



CAPÍTULO 6

DESAFIOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL

Daniela da Silva

Daniel Moraes Santos

RESUMO: A leitura é uma habilidade fundamental para o desenvolvimento acadêmico e social dos indivíduos. No entanto, muitos enfrentam dificuldades significativas nesse processo, o que pode ter implicações duradouras em sua vida pessoal e profissional. Este artigo analisa as causas das dificuldades de aprendizagem da leitura, abordando fatores cognitivos, emocionais e socioculturais que influenciam essa habilidade. Além disso, discute estratégias de intervenção que podem ser implementadas para apoiar os aprendizes.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento, causas, dificuldades, fatores cognitivos, estratégias.

1. INTRODUÇÃO

Conhecer o processo de aprendizagem é fundamental para desenvolver um trabalho de qualidade na alfabetização. Neste sentido, é indispensável a escolha de atividades e práticas de ensino inovadoras e que permitem aos alunos experiências de aprendizagens enriquecedoras (Gomes, 2017; Rojo, 2012).

Entretanto o processo de aprendizagem não depende somente de métodos e práticas inovadoras, neste sentido, este trabalho busca compreender tais fatores que podem estar relacionados. Deste modo, iniciamos o diálogo buscando compreender a história da alfabetização e seus avanços, analisando quais obstáculos podem dificultar ainda mais este processo: tanto da alfabetização quanto das demais aprendizagens dos alunos.

Para isto, buscou-se diferenciar as dificuldades e transtornos de aprendizagem, bem como dialogar sobre a importância da participação da família e da rede de apoio com os professores. Por meio de pesquisa, buscamos abordar quais fatores merecem atenção e qual a melhor forma de intervenção entre outros aspectos que envolve o processo do ensino da alfabetização.

Este artigo tem como objetivo principal explorar as múltiplas dimensões do analfabetismo e das dificuldades de aprendizagem no contexto escolar de Guarulhos. Especificamente, busca: Analisar questionários avaliativos respondidos por professores para compreender as principais dificuldades de aprendizagem. Identificar desafios enfrentados pelos professores alfabetizadores. Investigar percepções dos professores sobre as causas do desinteresse dos alunos. Oferecer reflexões para melhorar a alfabetização.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Aprendizagem e alfabetização

A aprendizagem é um processo natural do indivíduo, e, no início da vida escolar, a literatura infantil objetiva contribuir para a formação autônoma dos educandos.

A alfabetização é o processo de aprendizagem de ler e escrever, ou seja, de dominar o sistema alfabético e suas convenções.

Até o final do Império brasileiro, no final do século XIX, o ensino no Brasil era conduzido em salas improvisadas, em condições precárias e os professores desenvolviam com muitos esforços a prática da alfabetização utilizando materiais como as “cartas do ABC”. Buscava-se utilizar o método da marcha sintética, seguido da soletração, conhecido como método fônico e silábico. Sendo nesta mesma época a produção das primeiras cartilhas de alfabetização. Mortatti (2019, p.33)

No início da década de 1890, o método alfabético, fônico e silábico ainda era amplamente utilizado. No entanto, com a implantação do ensino positivista e a criação das primeiras cartilhas brasileiras, começaram a ocorrer mudanças. Mortatti (2019, p. 34).

A partir de 1893, o estado de São Paulo implementou o método analítico para o ensino da leitura, que consiste em ensinar a leitura pelo todo, em vez de partir das letras isoladas. Nesta época foi inaugurada a Escola-Modelo Anexa onde os professores normalistas desenvolviam atividades práticas. (Mortatti, 2019, p. 35).

Ainda em meados do século XIX, em meio a discussão dos melhores métodos de ensino a serem adotados, buscou-se estabelecer normas e instruções oficiais na capital paulista. Neste contexto, os métodos mais adotados pelos educadores ainda eram os métodos mistos e ecléticos, sendo muito apreciado pelos educadores. Em meio a essas mudanças, foi em 1910, que a palavra “alfabetização” foi oficialmente adotada (Mortatti, 2019, p. 36).

De acordo com o Ministério da Educação (Brasil, 2021), no “Livro do Professor Alfabetizador”, desenvolver habilidades de observação, identificação, comparação e classificação de seres e fenômenos são práticas essenciais no Ciclo de Alfabetização. Além disso, ter uma escuta ativa é uma forma de encorajar os alunos.

Neste documento, estão presentes diferentes abordagens para ensinar as crianças a lerem e oferece, de forma explícita e eficiente, meios para que a alfabetização seja realizada de forma eficaz (Brasil, 2021, p. 16).

Além disso, o Ministério da Educação, no Decreto nº 11.556, publicado em 12 de junho de 2023, institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, que visa garantir que as crianças estejam alfabetizadas até o final do 2º ano do ensino fundamental. O que significa, oferecer apoio financeiro e técnico para que esta etapa seja completada de forma adequada, valorizando desta forma a diversidade e autonomia.

Neste decreto, o compromisso com as crianças que necessitam de suporte especializado é reforçado. Entretanto, é evidente que, embora haja muitos esforços para que as crianças saiam do ensino fundamental alfabetizadas, os índices e avaliações indicam altos índices de analfabetismo nas demais etapas da educação básica.

Como observado por Andrade (2018), na fase inicial de alfabetização é de suma importância oportunizar as crianças o maior número de gêneros literários, pois o contato com a literatura promove a alfabetização, o enriquecimento cultural e o desenvolvimento de leitores autônomos.

A capacidade de ler é uma competência essencial, não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para a participação plena na sociedade.

No ambiente escolar, as práticas de leitura permitem aos estudantes o desenvolvimento linguístico, beneficiam a construção de conhecimento, estabelece o diálogo e por meio dessa interação desenvolve aprendizagens. Gomes (2017)

Dentre os objetivos da alfabetização, desenvolver habilidades de leitura e escrita de forma adequada é essencial para a promoção da formação cidadã e transformação social.

Para Rojo (2012, apud Marchesoni e Shimasaki, 2021), entender o que é alfabetização e letramento é indispensável para construir práticas de leitura e escrita. Ser alfabetizado vai além da decodificação de letras e frases; não é suficiente apenas dominar a língua escrita. Ser alfabetizado significa apropriar-se das práticas sociais, envolvendo coisas cotidianas, que permitem a leitura de mundo, de uma forma simples como reconhecer um símbolo em uma embalagem ou uma imagem.

O termo alfabetização e letramento representa a complementaridade, e historicamente, a sistematização dos métodos de ensino sofreram inúmeras mudanças desde o século XIX até atualmente (Mortatti, 2019, p. 54).

A alfabetização pode ser abordada por meio de dois métodos principais: o analítico (fonético) e o sintético (global). O método analítico procura apresentar a prática da alfabetização em partes como palavras, deste modo, procura-se oferecer métodos multissensoriais como letras texturizadas fonemas e expressões faciais. No método sintético, a alfabetização é iniciada em partes menores como sílabas e não necessariamente em sequências (Sebra e Dias, 2011).

Comumente os métodos sintético-analítico são denominados de métodos mistos sendo uma forma de conciliar ambos os métodos de ensino visando oferecer uma maior riqueza de aprendizagens para muitos é conhecido como cartilha (Mortatti, 2019, p. 54).

Os métodos sintéticos são organizados em alfabético, fônico e silábico, conhecido como mais antigo e os métodos analíticos divididos em; soletração, sentenciarão e da historieta. (Mortatti, 2019, p.54)

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, enfatiza que a alfabetização é fundamental para o exercício da cidadania. Ela estabelece diretrizes para melhorar os indicadores de leitura, escrita e matemática, baseando-se em resultados nacionais. Além disso, inclui, em 2018, o programa Mais Alfabetização.

Neste documento, são analisados os avanços e marcos históricos da alfabetização no Brasil, além disso, os relatórios e documentos citados, buscam promover a melhoria das aprendizagens para a alfabetização considerando os baixos índices de alfabetização.

De acordo com os índices apresentados pela Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), de 2016, os alunos apresentaram desempenho insuficiente no exame de proficiência em leitura, ainda, os dados comparativos de 2014 e de 2016 revelam baixos avanços na aprendizagem.

Os resultados da avaliação revelaram uma realidade preocupante. Observou-se que 54,73% dos alunos do 3º ano apresentaram desempenho insuficiente em leitura, com 450 mil alunos incapazes de ler textos simples. Além disso, 33,95% dos alunos apresentaram níveis insuficientes de escrita, sendo que aproximadamente 680 mil alunos do 8º ano demonstraram precariedade na leitura, dificuldades significativas em escrever corretamente ou desvios ortográficos.

Outro índice apresentado pelo mesmo documento aponta a edição de 2015 do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), que tem como população-alvo estudantes com idade entre 15 anos e 2 meses e 16 anos e 3 meses, matriculados em instituição educacional divulgou que o Brasil ficou em 59º lugar em leitura e em 65º lugar em matemática, num rol de 70 países.

Esses resultados destacam a necessidade de uma maior atenção nas práticas de alfabetização e letramento e mostram que muitos alunos enfrentam dificuldades em aprender a ler.

Para muitos autores, estas dificuldades estão associadas a problemas de outra natureza, que afetam o comportamento da criança.

Kauart e Silva (2008), destacam que os problemas de aprendizagem podem ser distintos, e, ao passo que alguns alunos aprendem mais rápido que outros, é importante identificar individualmente as reais necessidades individualmente oferecendo práticas favoráveis às superações cognitivas.

Deste modo, podemos compreender que as superações cognitivas é um processo de desenvolvimento contínuo das habilidades críticas e experiências individuais de cada educando.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), o termo cognitivo pode ser definido:

O termo “cognitivo” aparece ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, da capacidade de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdos específicos. A polêmica entre a concepção que entende que a educação deve principalmente promover a construção das estruturas cognitivas e aquela que enfatiza a construção de conhecimentos como meta da educação, pouco contribui porque o desenvolvimento das capacidades cognitivas do pensamento humano mantém uma relação estreita com o processo das aprendizagens específicas que as experiências educacionais podem proporcionar (Brasil, 1998, p. 18).

A partir dessas considerações, podemos entender que a apropriação da aprendizagem é multifacetada, e que, o desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente associado às experiências individuais de aprendizagem de interação e cabe à escola oferecer aprendizagens significativas capazes de serem aplicadas no cotidiano do aluno.

Conforme Simplicio e Haase (2020), existem fatores específicos que contribuem para o analfabetismo e baixas fluências e leitura, que dificultam a capacidade de aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo.

De acordo com os autores, dados da OCDE (2015) revelam que apenas 11% dos professores conseguem identificar os alunos com necessidades especiais de aprendizagem, dificultando uma intervenção pedagógica eficaz.

Além disso, os autores destacam, que a negligência e romantização do ensino frequentemente comprometem o processo diagnóstico, distorcendo a experiência educacional e ignorando possibilidades de melhoria na aprendizagem, falta planejamento, recursos e profissionais experientes.

2.2 Dificuldades de leitura e transtornos de aprendizagem

Dificuldades de leitura podem ser causadas por diversos fatores cognitivos, incluindo transtornos específicos e associados.

Transtornos de aprendizagem são limitações neurológicas que impedem uma pessoa de aprender e absorver informações e muitas vezes afetam a interação e impede o pleno desenvolvimento.

Habitualmente, dificuldades e transtornos de aprendizagem, como desatenção, hiperatividade ou impulsividade, são confundidos com dificuldade de aprendizagem e erroneamente associados, como destaca, Oliveira, Zutião e Mahl (2020, p. 9).

Na realidade, esses fenômenos requerem uma classificação em dois grupos, para que o planejamento educacional possa atender às necessidades particulares de cada grupo.

Os transtornos de aprendizagem mais observados no ambiente educacional como citado pelos autores são; Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH e Transtorno Opositor Desafiador – TOD.

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta indivíduos de diversas origens e níveis intelectuais. Caracteriza-se por dificuldades na leitura, decodificação, soletração e compreensão de textos (Rodrigues e Ciasca, 2024).

O termo “dislexia” vem do grego e significa “dificuldade com as palavras”, estudos indicam que a dislexia gera desafios em relacionar som e símbolos, memorizar e completar tarefas (Ilanhez e Nico, 2002; Alves, Mousinho e Capellini, 2011, apud Oliveira, Zutião e Mahl, 2020, p. 11). Essas alterações incluem: Confusão entre letras semelhantes (p/b, d/q), inversão de palavras, dificuldades na soletração entre outros.

Para superar esses desafios, é essencial investir em recursos visuais e auditivos no trabalho pedagógico, como mapas mentais, audiobooks e estratégias lúdicas, além de equilibrar estudo e descanso (Alves e Pereira, 2022, p. 10).

Segundo Alves e Pereira (2022) e Matos e Santos (2021), a discalculia é um transtorno de aprendizagem em matemática originado por desordens genéticas ou congênitas nas áreas cerebrais responsáveis pela maturação do raciocínio matemático.

Esse transtorno se caracteriza por dificuldades específicas, como resolução de cálculos simples, enumeração, comparação de números e compreensão de conceitos matemáticos, resultando em atraso no desempenho esperado para a faixa etária. Estudos indicam que cerca de 3% a 6% das crianças apresentam discalculia, que pode manifestar-se isoladamente ou combinada com outros transtornos. Matos e Santos, (2021).

Além disso, segundo o autor, testes de matemática e avaliações visam orientar atividades pedagógicas específicas focadas no potencial do aluno. Essas atividades incluem diálogo, sondagem, atividades pontuais, jogos e brincadeiras. No entanto, o olhar atento do educador é fundamental, pois muitas vezes a criança apresenta baixa autoestima. Desta forma, a motivação se torna essencial para impulsionar a aprendizagem desses conceitos.

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é caracterizado por comportamentos impulsivos e hiperativos que dificultam a concentração. O diagnóstico não é tão simples pois se assemelha a outros transtornos. Pode ser dividido em três categorias: desatento (comum em meninas), hiperativo (raro) e misto (comum em meninos) Seabra, (2021).

Estudantes com TDAH apresentam características como desatenção, mudanças frequentes de assunto e não cumprimento das regras, além de desatenção em atividades lúdicas. Para auxiliar, é recomendável formação continuada em busca de novas abordagens e alternativas, como locais estratégicos na sala de aula, evitando áreas de distração como janelas, e oferecer atividades de seu interesse que estimulem o foco (Santos; Vasconcelos, 2010, apud Alves e Pereira, 2022).

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é um padrão de comportamento atípico caracterizado por um padrão persistente de comportamento opositor desafiador. Crianças e adolescentes com TOD podem apresentar humor irritável, perda de energia ou fadiga, dificuldades de concentração, até mesmo pensamentos de morte, o que causa sintomas de sofrimento e dificuldade para socializar, sendo necessária ajuda profissional da rede de apoio, incluindo profissionais de saúde (American Psychiatric Association, 2014, p. 161).

Silva (2017) comenta que, para desenvolver práticas de aprendizagem adequadas, o professor precisa desenvolver projetos diferenciados, como artísticos ou esportivos, que direcionem o aluno a encontrar formas de superar episódios de humor e agressividade. Para isso, o educador precisa investir tempo para encontrar métodos eficazes, trocar experiências e desenvolver projetos multidisciplinares, que são bastante positivos.

Neste sentido, entendemos, que a heterogeneidade na sala de aula merece muita atenção, considerando que as aprendizagens não são uniformes e necessitam de práticas inclusivas para atender aos variados perfis dos alunos.

De acordo com Heisler *et al.* (2024), o foco individual no aluno favorece o mapeamento da turma para aplicação de estratégias eficazes, e um trabalho bem-organizado contribui para o alcance dos objetivos pedagógicos. Para isso, são necessárias metodologias apropriadas que facilitem o trabalho e analisem o perfil dos estudantes e focar nos mais variados métodos de aprendizagem.

De acordo com a teoria de Valk, são identificados cinco perfis estudantis: o visual, que aprende com imagens, vídeos e gráficos; o aluno auditivo, que aprende ouvindo; o leitor/escritor, que aprende lendo e escrevendo; o cinestésico, que aprende com interação e manipulação; e, por último, o multimodal, que apresenta todas as características anteriores. Deste modo, oferecer um repertório diversificado pode facilitar a aprendizagem (Heisler *et al.*, 2024, p. 9).

Para Lima e Pessoa (2007), as dificuldades de aprendizagem decorrem de problemas significativos no reconhecimento de palavras que apresentam inteligência média, influência materna, possivelmente déficit sensorial ou problemas emocionais. Rohde *et al.* (2000) salienta, que transtornos isolados apresentados pela criança, podem ser decorrentes do ambiente familiar e social ou de sistemas educacionais inadequados, ou mesmo estarem associados a outros transtornos comumente encontrados na infância e adolescência. Portanto, para o diagnóstico do Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade - TDAH é sempre necessário contextualizar os sintomas na história de vida da criança.

Rumor *et al.* (2024), observa que dificuldade de aprendizagem pode estar relacionados a fatores emocionais como baixa autoestima e desmotivação proveniente de diversas esferas, e chama a atenção para a necessidade da atuação colaborativa entre profissionais da educação e da saúde.

Ainda sobre este estudo, o autor analisa a percepção de diferentes profissionais das áreas da saúde e da educação que dialogam sobre a necessidade de diferenciar dificuldades de aprendizagem e condições neurobiológicas.

Deste modo, indivíduos neurodivergentes podem ter dificuldade em interagir ou em compreender as informações.

Para diversos autores, a escola desempenha um papel fundamental como agência de letramento, pois é frequentemente nesse ambiente que os alunos têm seu primeiro contato com a leitura, especialmente quando a família não proporciona essa experiência.

Para Gomes (2017), o letramento em leitura pode ser avaliado sob três perspectivas principais: a estrutura do material de leitura, o método de leitura empregado e o propósito para o qual o texto foi elaborado.

Deste modo as crianças precisam de diferentes abordagens para a aprendizagem, o tipo de material, o método e sobretudo a motivação.

A família também desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem da criança.

Segundo Soares (2010), as práticas de leitura familiar, como gibis, bilhetes, leitura bíblica e jornais, oferecem um repertório rico e diversificado que contribui significativamente para a alfabetização. Portanto, é evidente que as práticas sociais exercem um impacto positivo nas aprendizagens, incluindo a habilidade de leitura.

Desta maneira, reconhecemos a importância de uma abordagem abrangente para superar as dificuldades de leitura, combinando estratégias eficazes com uma compreensão profunda dos fatores contextuais que influenciam o processo de aprendizagem.

Segundo Justino e Barrera (2012), a leitura e a escrita se desenvolvem espontaneamente, mas é na alfabetização que a criança se apropria efetivamente dessas habilidades, interagindo com objetos e desenvolvendo consciência fonológica, que inclui análise de sílabas, rimas e fonemas.

Entretanto estes processos de aprendizagem precisam ser personalizados, considerando os fatores cognitivos e emocionais.

Conforme Sebra e Dias (2024), os dois principais métodos de alfabetização utilizados no Brasil são o método fônico e o método global. O método fônico, que estabelece a relação entre letras e sons, promove a consciência fonológica. Este método é particularmente benéfico para crianças com dislexia e tem se mostrado eficaz no ensino regular de crianças sem distúrbios de leitura, pois desenvolve a coordenação motora e consolida mentalmente as formas das letras.

O método global ou ideovisual, segundo o autor, pressupõe que a aprendizagem da linguagem escrita ocorre pela identificação visual da palavra como um todo. Este método progressista e sensível às necessidades infantis busca desenvolver a criatividade, permitindo que as crianças “descubram” os princípios da leitura e escrita de forma autônoma.

Os métodos mencionados acima, têm apresentado resultados positivos, e são muito utilizados pelos professores.

Entretanto, é importante destacar, que os programas de leitura se tornam mais eficazes quando combinados com atividades lúdicas, tecnologia assistiva e prática de leitura em grupo, o que pode aumentar significativamente a confiança e habilidade dos alunos. Além disso, o envolvimento ativo dos pais e da comunidade no processo educativo é fundamental para o sucesso dos estudantes.

Silva (2017) destaca a importância da organização escolar e salienta a necessidade de um trabalho pedagógico organizado. Para isso, é fundamental criar um ambiente saudável e pensado para todos, com regras claras e objetivas. Além disso, é essencial incluir o dever do acompanhamento familiar, pois a escola sozinha não pode desenvolver as intervenções necessárias.

A autora também ressalta que a falta de informação sobre alunos com neurodivergência, como o Transtorno Opositor Desafiador (TOD), leva a rotulações inadequadas por parte de professores, família e profissionais. Em vez de considerar as necessidades específicas desses educandos, eles são frequentemente vistos como “sem limites”. Portanto, é necessário adotar uma abordagem mais inclusiva e de acompanhamento em equipe.

Castro e Nascimento (2009) apud Silva (2017) destacam a importância da organização escolar eficaz. Deixar as regras de sala de aula claras, oferecer acompanhamento especializado para cada aluno que necessite, olhar a criança com empatia, ser gentil e afetuoso, dar orientações curtas, dividir as tarefas mais difíceis e repetir ordens quando necessário, estas atitudes podem enriquecer significativamente a aprendizagem satisfatória.

3. METODOLOGIA

Para a construção desse estudo e para compreender o que tem sido produzido sobre o tema das múltiplas dimensões do analfabetismo e das dificuldades de aprendizagem no contexto escola, foram utilizadas obras literárias didáticas e realizou-se uma busca por artigos científicos, utilizando a base de dados de revistas científicas eletrônicas e livros. A partir deste levantamento, foram selecionados artigos na área de linguagem, dentre os artigos selecionados foram observados especificamente aqueles referentes às questões de aprendizagem.

Foram construídas perguntas-chave com o objetivo de identificar as causas das dificuldades específicas em leitura e escrita entre alunos do ensino fundamental e médio, especialmente aqueles que não demonstram aproveitamento adequado dessas habilidades ao longo das séries, apesar de não serem claramente evidenciadas em avaliações externas como Saresp e Prova Paulista estes alunos apresentam muita defasagem e não conseguem acompanhar o avanço dos demais alunos.

O questionário foi composto por seis perguntas envolvendo cinco questões de múltipla escolha e uma dissertativa sobre as dificuldades de aprender. A questão dissertativa, visou aprofundar no contexto pesquisado e abranger outros fatores que levariam à tais dificuldades, e que não foram citados nas questões, de acordo com a percepção dos professores entrevistados.

A amostra de professores alfabetizadores que responderam ao questionário, consiste em 12 participantes, todos residentes no município de Guarulhos, com ampla experiência profissional e acadêmica, que lecionam em diferentes unidades escolares de escolas municipais e estaduais, nos respectivos bairros: Ponte Alta, Soberana, Vila Progresso, Parque continental e Jardim Cumbica. Desses 12 professores alfabetizadores, 25% são do sexo masculino e 75% do sexo feminino, na faixa etária de 36 e 61 anos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados os resultados apontaram que, apesar da importância atribuída às dificuldades cognitivas, elas não aparecem como os principais desafios para alfabetização.

Foram propostas sete questões como seguem:

1. Quais são as principais dificuldades para aprender a ler?

Os professores apontaram três desafios principais: 8,6% relataram dificuldade em associar sons às letras, 58,3% citaram falta de compreensão das palavras e textos, e 33,3% mencionaram falta de motivação.

2. Quais são as principais causas das dificuldades de aprendizado?

De acordo com os professores, as principais causas são: falta de experiências leitoras e interações culturais (16,7%), dificuldades cognitivas (33,3%), métodos inadequados de ensino (41,7%), que incluem excesso de tarefas e sobrecarga, e falta de materiais tecnológicos (8,3%). Além disso, destacam-se fatores como falta de diagnóstico adequado, pouco apoio para qualificação dos professores e ausência dos pais em reuniões, especialmente para alunos com comportamentos conflitivos.

3. Em sua opinião quais os métodos de alfabetização que mais favorecem a aprendizagem da leitura e escrita?

Os dados coletados revelaram que 41,7% dos respondentes preferem o método misto, que combina elementos fonéticos, visuais e globais. Segundo os professores, esse método é adaptável às diferentes necessidades dos alunos. Outros 41,7% utilizam variados métodos complementares, como leitura em dupla e multissensorial. Já os métodos fônico e global registraram 8,3% cada.

4. Em sua opinião faltam recurso didático? Quais?

Esta questão revelou desafios significativos no processo de ensino-aprendizagem. A principal dificuldade não está apenas na falta de materiais, mas em questões ambientais e de acessibilidade. Os principais desafios segundo 50% dos professores são: falta de recursos para alunos com necessidades especiais ou transtornos de aprendizado, ambientes de aprendizado ruins, salas superlotadas e condições inadequadas do ambiente e ventilação. Uma parte significativa do grupo participante (25%) indicou a falta de materiais audiovisuais, essenciais para aprendizagem interativa e visual; (16,7%) indicou a carência de jogos educativos fundamentais para desenvolvimento cognitivo e motor; e apenas (8,3%) indicou a falta de livros.

5. Falha na organização da sala?

Sobre isto, 41,7% dos respondentes citaram a falta de espaço confortável como principal problema, 33,3% mencionaram falta de materiais de leitura; um professor que leva materiais do seu acervo pessoal, caixa contendo variedades de gibis, elencou: *“Leitura compartilhada, mini gibis, realidade do aluno em foco etc.”* (Ademar Silva, entrevista, 06/11/2024).

Deste modo, percebemos que a falta de ambiente confortável e material adequado na escola, pode afetar a concentração e produtividade dos alunos.

Ainda, 25% apontaram falta ou falha dos equipamentos o que pode ser prejudicial para aplicação de atividades práticas e interativas.

6. Em sua opinião o que falta para melhoria do engajamento em sala de aula?

De acordo com a opinião de (41,7%) dos professores faltam recursos para atividades interativas, (41,7%) acredita que falta espaços e recursos para realização de leituras em alta voz para melhorar o desenvolvimento da leitura e escrita além disso a prática da leitura favorece a participação, interesse e imaginação, (8,3%) dos professores acreditam que faltam premiações para melhor incentivo da turma, e por fim (8,3%) dos professores relatam que existem outros problemas que dificultam o engajamento dos alunos na aula.

7. Em sua experiência, quais são os obstáculos para a aprendizagem da leitura que não foram mencionados neste questionário?

Nesta questão boa parte dos professores mencionaram os problemas sociais, a importância da família como parte ativa do desenvolvimento de aprendizagem destes alunos, considerando que boa parte deles não tem o devido acompanhamento: *“Problemas sociais não atendidos pela rede de apoio.”* (professor 1, entrevista, 24/11/24).

“Eu acredito que para que um indivíduo não leia é possível ter duas causas: falta de motivação e falta de capacidade cognitiva. De acordo com o que vejo em sala de aula, muitas crianças não foram motivadas a lerem e isso dificulta esse processo.”

É perceptível também que muitos alunos não possuem capacidade cognitiva, este é também um grande problema para a falta de habilidade leitora”. (professor 2, entrevista, 24/11/24).

“A participação da família.” (professor 3, entrevista, 24/11/24).

“A falta da conscientização, principalmente familiar a respeito da importância da prática da leitura e da compreensão de textos para o desenvolvimento social, cultural e profissional do cidadão.” (professor 4, entrevista, 25/11/24).

De acordo com a percepção dos professores, os métodos de ensino inadequados, a falta de recursos, da participação da família e de apoio especializado, seriam as principais causas do fracasso na alfabetização. Isso indica a necessidade de um olhar mais atento para a formação continuada e o atendimento especializado. Muitos professores também relataram a importância do fazer pedagógico, destacando a necessidade de insistir em exercícios diários e tarefas, como o conhecimento individualizado dos alunos, o incentivo à leitura e o envolvimento da

família, que deve exercer seu papel social:

O aluno está no 7 ano e não sabe ler, por vergonha ele não se manifesta se for copista o professor nem vai notar, pois as salas são lotadas. Aplicamos avaliações para ver o grau dos alunos e este aluno não entrega. Esses alunos ficam perdidos dentro da sala (Professor 2, entrevista, 24/11/24).

Outro professor destacou que a falta de práticas de leituras, como a leitura diária e leitura silenciosa, é um dos maiores obstáculos para a aprendizagem da leitura: *“Os maiores obstáculos para a aprendizagem da leitura são focar em atividades diárias de leitura silenciosa, leitura em voz alta, leituras em grupo, enfim, fazer da leitura uma atividade diária.”* (professor 5, entrevista, 24/11/24).

Tabela 1: questionário sobre a percepção dos professores sobre as dificuldades apresentadas.

1.Principais dificuldades para aprender a ler?	Porcentagem
letras e sons	8,3%
Compreensão	58,3%
Motivação	33,3%
Outras	0%
2. Quais as principais causas das dificuldades de aprendizado?	
falta de exposição	16,7%
dificuldades cognitivas	33,3%
métodos inadequados	41,7%
Outras causas	8,3%
3.Métodos de ensino?	
Fônico	8,3%
Global	8,3%
Misto	41,7%
Outros métodos	41,7%
4. Faltam recursos didáticos? Quais?	
Livros	8,3%
Audiovisuais	25%
Jogos educativos	16,7%
Outros? quais?	50%
5.Falha na organização da sala?	
Falta espaço confortável	41,7%
Iluminação adequada	0%
Falta de materiais de leitura	33,3%
Faltam equipamentos	25%

6. Em sua opinião o que falta para melhoria do engajamento em sala de aula?	
atividades interativas	41,7%
Premiações	8,3%
leituras em alta voz	41,7%
Outros problemas que dificultam o engajamento na aula.	8,3%
7. Em sua experiência, quais são os obstáculos para a aprendizagem da leitura que não foram mencionados neste questionário?	

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A tabela acima reúne e sintetiza os resultados apresentados até aqui. A análise destes dados revela que as dificuldades cognitivas não são os principais desafios para alfabetização. Neste sentido é necessário termos um olhar mais realista para outros fatores que dificultam a apropriação de conhecimento.

A qualidade do ensino, é refletida no fazer pedagógico do professor deste modo, o comprometimento dos professores é de suma importância nesta etapa de ensino, outro ponto é o envolvimento dos pais no ambiente escolar e no acompanhamento das atividades diárias.

O apoio emocional está envolvido no processo de ensino e aprendizagem, deste modo, um ambiente acolhedor faz a diferença na motivação para aprendizagem tanto da alfabetização como nos demais processos de escrita e linguagem.

Para muitos autores a linguagem escrita é desenvolvida por meio de processos complexos e cada estudante necessita de um acompanhamento específico, considerando que ainda falta um olhar mais individualizado e acolhedor.

Segundo Freitas e Azoni (2024), a aprendizagem da linguagem escrita pode apresentar dificuldades à medida que mudam as etapas de ensino, e essas dificuldades podem ser relacionadas a problemas neurológicos, tanto em alunos com condições favoráveis quanto em aqueles com vulnerabilidades sociais. No entanto, muitos profissionais de alfabetização também não possuem formação específica para lidar com esses problemas cognitivos, estes alunos necessitam de um apoio mais especializado.

De acordo com a percepção dos professores, os métodos de ensino, a falta de recursos, a participação da família e apoio especializado, seriam as principais causas do fracasso na alfabetização.

Os professores apontaram baixa preferência pelos uso dos métodos fônico e global de forma isolada e alta preferência pelo método misto, corroborando com Mortatti (2019) ao denominar o método misto como uma forma de conciliar os benefícios tanto do método fônico, quanto do método global.

Quanto ao apoio especializado, uma professora alfabetizadora e pertencente a sala de recursos teve a seguinte fala sobre o apoio especializado:

Quando falamos em alfabetização para um aluno atípico, a aprendizagem acontece de formas diferentes sem letramento muitas vezes, dependendo do transtorno de aprendizagem é necessário considerarmos os outros tipos de atendimento, para o aluno "A" por exemplo, que está no ensino médio, percebo que ele necessita de exercícios físicos pois está ganhando peso por ficar muito tempo na cadeira de rodas e precisamos encontrar outras maneiras de atender às necessidades dele aqui na escola (Professora 6, entrevista respondida em 12/03/25).

Neste sentido, o presente diálogo, indicou a necessidade de um olhar mais humanizado para atender as reais necessidades deste aluno, com a participação ativa da família para garantir o desenvolvimento do aluno em sua integralidade.

Deste modo é entendido que o atendimento especializado requer ações coletivas que devem ser discutidas em planejamentos e reuniões pedagógicas envolvendo responsáveis, mestres e a rede de colaboração; inspetores, cuidadores, e demais profissionais para dar suporte adequado.

Enfatizamos que, a formação continuada consiste no exercício de aprimoração do conhecimento adquirido acrescentado a novas abordagens e perspectivas, além disso, para o educador a formação continuada pode fornecer novas perspectivas para vencer desafios ao lidar com alunos que necessitam de assistência especializada.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece, na Resolução CNE/CP nº 2/2017, que a formação inicial e continuada é um dos objetivos principais para a educação de qualidade, assim como a infraestrutura adequada e boas práticas de reflexão pedagógica no dia a dia, durante o horário de trabalho. Neste sentido, o reconhecimento e a valorização do trabalho pedagógico permitem o desenvolvimento de um ensino de qualidade e aprimoramento contínuo (Soares, 2022).

Conforme Magalhães e Azevedo (2015, p. 28), a formação continuada "é construir a própria presença", é essencial na prática docente, valorizando e transformando o ensino. Ela vai além da formação técnica, fazendo parte da formação humana, que é uma junção da formação profissional e da prática social. Isso permite que os docentes amadureçam e experienciem sua trajetória profissional, apoiando saberes e valores que agreguem soluções de problemas e construam novos saberes. Os autores criticam a falta de fornecimento de formação aos professores, especialmente em camadas populares, o que impossibilita o desenvolvimento educacional e dificulta

as transformações sociais, políticas e econômicas. Esse fato pode ser constatado no reforço da ideia de que uma política de formação não deve coexistir a partir de ações isoladas e fragmentadas, que não reformulem a concepção de práticas pedagógicas concebidas através de cursos com atividades múltiplas e dissociadas da produção de conhecimentos. (Magalhães e Azevedo, 2015, p. 25).

Deste modo, vemos que a falta de acesso à formação continuada prejudica os índices de alfabetização e dificulta o trabalho dos professores.

Freitas e Pacífico (2020) trazem algumas considerações à luz da Constituição Federal de 1988 e da Lei n. 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), fazendo alusão aos parágrafos 1º e 2º do art. 62, parágrafo único do art. 62A e ao art. 63, III, da lei n. 9.394/96, que dispõe sobre o direito à formação continuada e o dever da secretaria de educação em oferecê-la, a fim de melhorar a qualidade do ensino. Além disso, salienta o direito à formação de qualidade como forma de reflexão, exercício de pesquisa e construção de novos conhecimentos.

Foi indicado pela maioria dos professores que o engajamento e motivação da aprendizagem estão intrinsecamente ligados a atividades interativas e a prática da leitura em alta voz. Os resultados corroboram com o argumento de Andrade (2018) sobre a importância de ofertar diferentes gêneros literários aos alunos e de Gomes (2017) sobre a importância da prática de leitura para o desenvolvimento do diálogo e da aprendizagem.

Também a organização da sala, e a falta de ambiente confortável são desafios para um atendimento adequado nas realizações das atividades, seja com alunos típicos ou atípicos.

Em atendimento a isto a Política Nacional de Educação Especial Portaria nº 948 de 2007 na Perspectiva da Educação Inclusiva, tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, como também a acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. Deste modo a falta de ambiente adequado ainda apresenta desafios (Brasil, 2008).

Como dito anteriormente, os professores mencionaram a falta da prática da leitura familiar, como já assinalado por Soares (2010), e outras formas de apoio familiar, além de outros problemas sociais. Nessa perspectiva, Polonia e Dessen (2005) destacam a importância da boa relação entre a família e a escola para o desenvolvimento de ações coletivas. Consequentemente, o desempenho dos estudantes melhora, o que traz reflexões sobre o papel de cada um, seja do professor ou dos pais, para evitar conflitos ou abandono.

Considerando que o ambiente familiar é um lugar rico social e culturalmente no qual o aluno participa das interações, recebe estímulos e desenvolve habilidades de leitura de mundo e de significados culturais.

Na escola estas interações são enriquecidas por aprendizagens e práticas de leitura, neste sentido, é muito importante que a família ofereça e participe do desenvolvimento deste aluno.

Entretanto, é de grande importância que a escola e a família reconheçam o seu papel e deveres em atividades cooperativas.

Para Polonia e Dessen (2005), muitos fatores podem comprometer a participação ativa da família na construção da leitura como o baixo nível escolar e econômico ou a falta de engajamento na comunicação escola e família.

Neste sentido, a colaboração entre a comunidade escolar contribui para o desenvolvimento e participação real do aluno.

Haja vista que ele encontra na escola um ambiente diverso com significados e valores diferentes da vivência familiar dele, o que nos traz a reflexão de integrarmos parcerias e atividades desenvolvidas com a participação da comunidade.

Deste modo, a boa comunicação escolar aproxima as famílias, fortalece a confiança da comunidade. Auxilia na melhoria dos resultados de aprendizagem e contribui para diminuir os conflitos sociais e emocionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possíveis causas que dificultam a alfabetização são diversas. A falta de métodos adequados e o preparo dos educadores são grandes desafios enfrentados para oferecer um atendimento adequado e satisfatório.

A formação especializada e específica direciona o professor para fazer seu trabalho de forma menos dificultosa. Entretanto, o professor precisa demonstrar empatia e acolher este aluno, pois o sentir-se acolhido, fará grande diferença no desenvolvimento e apropriação do conhecimento.

Mediante as análises feitas podemos destacar que a aprendizagem ocorre de forma e tempos diferentes para cada educando, deste modo, mesmo quando não há avanços aparentes na aprendizagem, ela está acontecendo.

O atendimento individualizado é essencial para que haja avanços significativos. Além disso, a participação e o comprometimento familiar desempenham um papel vital na aprendizagem, que podem auxiliar no avanço das aprendizagens e melhorar a qualidade de vida das crianças.

O uso de métodos ativos e bem escolhidos tem um impacto significativo no processo da alfabetização e pode oferecer um maior sucesso na relação do professor e aluno.

É essencial considerarmos diferentes abordagens e apoio profissional adequado podem oferecer caminhos para o sucesso na aprendizagem e que não podemos oferecer modelos únicos nas práticas pedagógicas.

A família tem um papel significativo na aprendizagem da criança, deste modo, é dever da escola o desenvolvimento de projetos e parcerias que envolvam a família e a comunidade escolar, com o objetivo de explicitar, que parte da aprendizagem depende da participação e apoio familiar.

Em resumo, a escuta ativa entre os educandos, educadores, familiares e rede colaborativa estabelecem um vínculo de confiança. Isso permite oferecer a melhor proposta de intervenção, de acolhimento e de trabalho. Essa abordagem promove um ambiente agradável que faz a diferença na formação do aluno.

Assim, as práticas de alfabetização têm um papel fundamental no desenvolvimento inicial da aprendizagem dos educandos. Elas têm um impacto duradouro, influenciando a aprendizagem ao longo da vida e desenvolvendo habilidades e competências essenciais para a atuação na vida futura dos estudantes em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, H. F., PEREIRA, J. E. M. *Cartilha sobre dificuldades e transtornos de aprendizagem* (1. ed.). João Pessoa (PB): Instituto Federal da Paraíba, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Revisão técnica Aristides Volpato Cordioli *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, W, S, M. Dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. FANAP, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. 2008 Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho instituído pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. Apresentado ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. Práticas de Alfabetização: Livro do Professor Alfabetizador - Estratégias. Brasília: MEC, 2021.

BRASIL. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. Institui o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 jun. 2023. Disponível em: (<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.556-de-12-de-junho-de-2023-489126833>). Acesso em: [24/01/2025].

FREITAS, S. L.; PACÍFICO, J. M.. Formação continuada: um estudo colaborativo com professores do Ensino Médio de Rondônia. *Interações (Campo Grande)*, v. 21, n. 1, p. 141–153, jan. 2020.

FREITAS, Claydianne dos Santos; AZONI, Cíntia Alves Salgado. Ciência Cognitiva da leitura e dificuldades de aprendizagem: O que pensam os alfabetizadores?. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 41, n. 125, p. 231-250, maio 2024. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000200231&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2024. Epub 13-Set- 2024. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240033>.

GOMES, S. DOS S. Avaliação das capacidades de leitura. *Educar em Revista*, n. 63, p. 221–236, jan. 2017.

HEISLER, N. *et al.* (Org.). Programa diversidade na sala de aula. Florianópolis, SC: Instituto Domlexia, 2024. [e-book]. ISBN 978-65-985346-1-5.7

JUSTINO, M. I. DE S. V.; BARRERA, S. D. Efeitos de uma intervenção na abordagem fônica em alunos com dificuldades de alfabetização. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 4, p. 399–407, out. 2012.

KAUARK, FS, Silva VAS. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. *Rev. Psicopedagogia* 2008;25(78):264- 270

LIMA, T. C. F. DE.; PESSOA, A. C. R. G.. Dificuldade de aprendizagem: principais abordagens terapêuticas discutidas em artigos publicados nas principais revistas indexadas no LILACS de fonoaudiologia no período de 2001 a 2005. *Revista CEFAC*, v. 9, n. 4, p. 469–476, out. 2007.

MAGALHÃES, Lúgia Karam Corrêa de; AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. Formação continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.-abr. 2015. Disponível em: [<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/G7Fqdm545c6bxtK8XSF6tbq/?format=pdf&lang=pt>]. Acesso em: [23/01/2025].

MARCHESONI, Laís Bastos; SHIMAZAKI, Elsa Midori. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: EXPLORARANDO CONCEITOS. **Educ. Teoria Prática**, Rio Claro, v. 31, n. 64, e07, jan. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81062021000100106&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jan. 2025. <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s14368>.

MATOS, Edneia Felix de; SANTOS, Daniela Miranda Fernandes. Discalculia e educação: quais conhecimentos os professores possuem acerca deste tema. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 38, n. 116, p. 272-283, ago. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862021000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jan. 2025. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20210015>.

MORTATTI, M. R. *Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2019, 175 p. ISBN: 978-85-95463-39-4. <https://doi.org/10.7475/9788595463394>.

OLIVEIRA, Patricia de; ZUTIÃO, Patricia; MAHL, Eliane. Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum. In: SEABRA, Magno Alexon Bezerra (Org.). *Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais*. Curitiba: Bagai, 2020. p.8.

POLONIA, A. DA C.; DESSEN, M. A.. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, n. 2, p. 303–312, dez. 2005.

ROHDE, L. A. *et al.* Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 22, p. 07–11, dez. 2000.

RODRIGUES, Sônia das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 86-97, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2024.

RUMOR, P. C. F. *et al.* Learning difficulties in school children: health and education professionals' perceptions. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 77, n. 1, p. e20230074, 2024.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2024.

SEABRA, M. A. B. (Org.). Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais. Curitiba, PR: Bagai, 2020. e-book. ISBN 978-65-87204-87-1.

SILVA, Tatiane Cristina Gonçalves da. *Transtorno Opositor Desafiador - Como Enfrentar o TOD na Escola*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Instituto A Vez dos Mestres, 2017. Monografia (Especialização em Educação Especial e Inclusiva).

SIMPLICIO, H, A, Torres; HAASE, V, G. *Pedagogia do Fracasso: O que as ciências cognitivas têm a dizer sobre a aprendizagem?* Belo Horizonte: Editora Ampla, 2020. SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Helaine Simões. A BNCC e a formação continuada de professores. Anais do 6º Congresso Nacional de Educação, Poços de Caldas, 29-30 jun. 2022. Disponível em: [https://educacaopocos.com.br/Anais/ANAIS%202022/05%20-%20230720_a-bncc-e-a-formao-continuada-de-professores.pdf]. Acesso em: [23-01-2025].